

Desafio, dignidade e a lei do dogma

EDWARD SAID*

Tradução: Dr. Osmar de Almeida Santos**

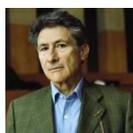
*"Se os intelectuais israelenses fracassaram,
ou não, não cabe a nós decidir.
O que nos diz respeito é o estado precário
das discussões e análises no mundo árabe"*

Durante a fase de discussões, que se seguiu a uma palestra minha, em Oxford, há três anos, fui surpreendido por uma pergunta feita por uma jovem, a qual, vim a saber mais tarde, era uma estudante palestina que fazia um doutorado na universidade. Eu tinha falado dos acontecimentos de 1948, e como me parecia necessário, não somente entender a conexão entre a nossa história e a história de Israel, mas também que nós, como árabes, precisávamos estudar aquela outra história [de Israel] como uma que nos dizia respeito, em vez de evitá-la, ou ignorá-la totalmente, como tem sido o caso durante tão longo tempo. A pergunta da jovem despertou dúvidas

sobre minha opinião sobre a necessidade de estudar e aprender sobre Israel.

"Esse tipo de atenção prestada a Israel – disse ela – não seria uma forma de concessão a ele?". Ela me perguntava se uma "não-normalização" ignorante não seria uma melhor atitude, frente a um Estado que, durante anos, mantinha uma política de obstruir e negar a autodeterminação palestina, sem falar que causou, em primeiro lugar, a miséria palestina?

Devo confessar que a ideia não me tinha passado pela cabeça, mesmo durante os longos anos em que Israel era uma coisa impensável no mundo árabe, e mesmo quando se tinha que usar eufemismos



* **EDWARD SAID** é de origem palestina, professor de literatura na Universidade de Columbia morreu aos 67 anos em Nova Iorque em 24 de setembro. A importância de Said decorre de uma combinação única entre perfil, obra e causa. Said era um intelectual público que não hesitou em intervir com o objetivo de defender ideias, valores e principalmente a causa conhecida como Questão Palestina. Crítico literário e sociólogo da cultura, Said é se tornou conhecido pelo seu livro *Orientalismo* onde ele demonstra que no Ocidente a imagem dos orientais, e nomeadamente dos árabes, como sensuais, corruptos, preguiçosos, atrasados, violentos, em suma, perigosos foi construída de maneira proposital pelo Ocidente para legitimar sua supremacia. Said foi o grande defensor das legítimas aspirações do povo palestino de viver em paz e com independência na sua terra. Ao mesmo tempo defendia também esse direito aos judeus.

Texto publicado no jornal egípcio **Al Ahram** em 18/05/2001.

** Lista PAZ AGORA/BR - <http://groups.yahoo.com/group/pazagorabr>



como "a entidade Sionista", ao se referir a ele.

Afinal, eu me vi questionando em resposta, dois grandes países árabes já tinham formalizado a paz com Israel, a OLP já o tinha reconhecido e estava seguindo um processo de paz com ele, e vários outros países árabes mantinham relações comerciais com aquele estado. Mas, intelectuais árabes firmaram, como questão de honra, não ter nenhum tratamento com Israel, não ir lá, não se encontrar com israelenses etc. e tal. Esses intelectuais até mesmo mantiveram silêncio quando, por exemplo, o Egito assinou grandes tratados de venda de gás natural a Israel, e manteve relações diplomáticas com o estado judeu durante frequentes períodos de repressão israelense contra os palestinos.

Como é possível se opor a analisar e aprender tudo que for possível sobre um país, cuja presença em nosso meio por mais de 50 anos, influenciou e moldou a vida de cada homem, mulher e criança no mundo árabe?

No entender daquela jovem, portanto, o oposto de concessão seria o desafio, o ato de desafiar, resistir e se recusar a curvar-se à vontade de um poder que se percebe ser injusto e despropositado. Isso, eu percebi, era o que ela sugeriu que devia ser a nossa prática com relação a Israel, e não o que eu estava tentando propor, que seria um engajamento criativo com uma cultura e uma sociedade, que, em todos os níveis significativos tinha se comportado, e (como a corrente brutalidade israelense contra a Intifada de Al Aqsa mostra) ainda continua a se comportar com uma política de desumanização deliberada contra os árabes em geral, e os palestinos em particular.

Nesse sentido, o egrégio Ariel Sharon não se distingue muito de Barak, Rabin e Ben-Gurion (sem falar do racismo escancarado de muitos aliados de Sharon, como Scharanski, Liberman e o rabino Ovadia Yossef). O que eu tinha dito em contrário era não somente uma questão de entendê-los [os israelenses], mas também de entender a nós mesmos, pois a nossa história ficaria incompleta sem se considerar Israel, o que este representa nas nossas vidas, como chegou a fazer o que fez, etc.

Além disso, eu, como educador, continuo a acreditar que o conhecimento – todo conhecimento – é melhor do que a ignorância. Simplesmente, não há justificação racional do ponto de vista intelectual para se manter uma política de ignorância, ou usar a ignorância como arma de luta. Ignorância é ignorância, nada mais e nada menos. Sempre, e em qualquer caso.

Fiquei confuso e insatisfeito com minha resposta vacilante, e a pergunta ficou comigo até hoje. Mas, novamente ela apareceu me desafiando inesperadamente. Deixem me explicar.

Recentemente, a imprensa de Nova Iorque revelou que Hillary Clinton foi obrigada por lei federal a devolver US\$7.000 em joias presenteadas a ela por Yasser Arafat; e, de acordo com a mesma fonte oficial do governo dos EUA, Madeleine Albright, Secretária de Estado durante a segunda presidência de Clinton, havia recebido joias no valor de US\$17.000 do mesmo generoso doador. De repente, tornou-se possível ver a relação entre as atitudes públicas e privadas no mundo árabe, e entender a conexão entre as ideias desafiadoras da jovem estudante sobre o que ela considerava ser concessões a Israel, por um lado, e por outro lado, a generosidade abjeta e indecente da liderança palestina aos políticos americanos, que são de



certo modo diretamente responsáveis pelas dores despejadas no povo palestino.

Mesmo neste momento em que escrevo, armas americanas de destruição em massa, supridas em quantidade ilimitada a Israel, estão sendo usadas ilegalmente – de acordo com as leis dos EUA – para atacar, matar e aleijar homens, mulheres e crianças desprotegidos palestinos, para demolir as suas casas, arrasar seus campos de refugiados, tornar suas vidas simplesmente insuportáveis.

Ainda assim, uma política de tentar cortejar os líderes americanos do modo mais vulgar possível tem sido aplicada, como se o prazer pessoal e satisfação de Hilary ou Madeleine, comprados às custas do dinheiro público palestino, fosse uma forma de política, em vez de uma demonstração de indecência, uma espécie de suborno. A presunção grotesca de que países como a América e Israel são imagens especulares do Terceiro Mundo nos quais, como o Zaire de Mobutu, por exemplo, a política é feita de acordo com os caprichos dos governantes ou para enriquecimento da sua família.

O que falta aqui é toda e qualquer compreensão de que esses são países complexos, em geral, democráticos, cujas sociedades civis e seus interesses desempenham um grande, quando não decisivo, papel em cada atitude do país. Mas em vez de se dirigir às sociedades civis, e tentar mudar sua mentalidade ou ideias, nossos líderes as ignoram, e se concentram num quebra-galho, ou seja, adocicar, bajular ou subornar o líder.

Qualquer pessoa que conheça alguma coisa sobre Israel ou os Estados Unidos vai lhe dizer que esses truques são absolutamente inúteis; poderão render um jantar, ou um aperto de mão carrancudo do último General Rabin na

Casa Branca, mas muito pouco além disso.

A prova do que estou dizendo está plenamente evidente na recente história calamitosa de nossas negociações com os EUA e Israel durante o período desde que foram assinados os acordos de Oslo. Desde o dia em que a liderança palestina traiu a confiança de seu povo, ao entrar no processo de Oslo da maneira que entrou no começo, e nele se mantendo como parceiro fraco e, alas, ansioso demais, ela [liderança], ao mesmo tempo, vem mantendo uma posição pública que só pode ser descrita como desafiadora – um desafio, precisa-se acrescentar imediatamente, que é principalmente retórico e contraditado completamente pelo comportamento oficial palestino que permanece (para dizer o mínimo) misteriosamente servil aos EUA e Israel. Presentes não solicitados de caras joias a autoridades americanas ilustram muito bem essa questão.

Enquanto palestinos armados com pedras, e uns poucos fuzis, desafiam bravamente os militares de Israel, a liderança age ainda como pedinte tentando reabrir as negociações com Israel e os EUA. Pode-se dizer a mesma coisa dos regimes árabes, e mesmo dos seus setores intelectuais, que proclamam abertamente a sua inimizade contra Israel e os EUA, enquanto, na realidade, colaboram política e economicamente com eles, ou denunciam ruidosamente a normalização.

O triste é que essa contradição não é geralmente encarada como contradição, mas como parte necessária da vida de hoje. Eu acharia que, melhor do que denunciar totalmente Israel, de alto a baixo, seria mais inteligente cooperar com os setores de dentro daquele país que tem uma posição firme pelos direitos humanos e civis, os que se opõem à



política de assentamentos, os que estão prontos a tomar posição contra a ocupação militar, os que acreditam em coexistência e igualdade, com os que estão indignados com a repressão oficial aos palestinos.

Pois somente deste modo é que há alguma esperança de mudar a política de Israel, dada a disparidade gigantesca de poder militar entre todos os árabes e Israel. Acharia mais honesto se dissociar dos crus ataques antissemitas, como os que emanaram recentemente de Damasco: o que isso faz, salvo mostrar ao mundo uma postura que é ao mesmo tempo sectária e viciosamente estúpida?

Sei perfeitamente bem que as paixões relacionadas à repressão israelense hoje são autênticas e que o povo em toda parte está indignado com as políticas do governo Sharon. Mas será essa paixão o suficiente como desculpa para abandonar toda a racionalidade, e para os intelectuais, em particular sair chicoteando incoerentemente por aí, em vez de tentar, de forma séria, apresentar uma posição moral e política séria, baseada no conhecimento, e não na ignorância cega e mal-informada, que não pode em nenhuma hipótese ser descrita como uma posição política?

Vejam a recente campanha contra a tradução de livros árabes para o hebraico. Alguém pensou que quanto mais literatura árabe houvesse em Israel, mais capazes estariam os israelenses de nos entender como povo, e parariam de nos tratar como animais, ou sub-humanos? Em vez disso, vemos o espetáculo deplorável de escritores árabes sérios denunciando abertamente com todo vigor os colegas por "se permitirem" a "normalizar" [relações] com Israel, que é a frase idiota usada como uma acusação de colaboração com o inimigo.

Não seria o caso de, como Julien Benda foi o primeiro a dizer, que os intelectuais deveriam ir contra as paixões coletivas, em vez de se aproveitar delas de modo demagógico? De que jeito uma tradução para o hebraico pode ser um ato de colaboração? Ser traduzido para uma língua estrangeira é sempre uma vitória para o escritor. Sempre, e em todos os casos. Não seria algo muito mais inteligente, e útil, do que a "normalização" faminta dos vários países que tem relações diplomáticas e comerciais com o inimigo, enquanto os palestinos morrem como moscas, vítimas do exército e força aérea israelenses? Não seriam traduções de literatura árabe um modo de entrar na vida cultural israelense, de ter um efeito positivo nela, de mudar a mentalidade do povo, da paixão sangrenta para um entendimento razoável dos Outros Árabes de Israel, especialmente quando foram as editoras israelenses que se adiantaram e publicaram as traduções, como sinal de protesto cultural contra a bárbara política árabe de Israel?

Todas essas confusões e contradições que descrevi são sinais de uma moléstia árabe mais profunda. Quando confundimos atos pueris de desafio com a resistência real, e quando aceitamos que a ignorância do tipo "não saber nada" é um ato político (quando de fato não é nada disso), e quando nós descartamos toda dignidade, e imploramos a atenção e patrocínio dos americanos, certamente nossa noção de dignidade e autorrespeito está em farrapos. Quem não se arrepiou com a memória de Arafat no jardim da Casa Branca em 1993 repetindo seus três "muito obrigados" com a abjeção de um bezerro tímido, e quem não sentiu que nossos líderes não tem o senso de autorrespeito quando são incapazes de decidir se a América é o inimigo, ou a nossa única esperança?



Em vez de uma política baseada em princípios e normas de comportamento decente, nós nos atolamos em atos fúteis de desafio baseados em dogmas idiotas e impensados sobre oposição a Israel enquanto ao mesmo tempo podemos somente oferecer aos nossos compatriotas palestinos sitiados um palavreado vazio, e algumas fórmulas patrióticas.

Não existe um modelo que nos ajude a dirigir nossas ações. O mundo árabe de hoje é o triunfo da mediocridade e oportunismo, mas dadas as falhas da liderança em quase todos os fronts, torna-se papel do intelectual fornecer análises honestas e indicações do que é razoável e justo, em vez de fazer coro com os bajuladores que aplaudem e embelezam as cortes reais e presidenciais e as salas de diretoria das corporações com sua presença gosmenta, e de aprovação irrevogável.

Vou terminar com um exemplo concreto do que estou querendo dizer. Com toda a barulheira sobre normalização, notei uma ausência surpreendente, ou seja o estado atual dos refugiados palestinos que vivem em todos países árabes importantes, e cuja condição em outros lugares – não há exceções – é miserável e inaceitável. Onde quer que haja palestinos no mundo árabe, há regras e regulamentos banindo os palestinos da condição de residentes com direitos totais, proibindo os palestinos de trabalhar e viajar, exigindo deles o cadastramento e recadastramento mensal com a polícia etc. Não é somente Israel que trata mal os palestinos, são os países árabes também. Vejam agora se há alguma campanha sustentada dos intelectuais árabes contra esse tratamento ofensivo local dos refugiados palestinos: não vão ver nem ouvir de nenhuma. Que desculpa haverá para os

horíveis campos de refugiados, onde vivem tantos deles, em lugares como Gaza e a Margem Ocidental ; que direito tem as forças "mokhabarat" locais de atormentá-los e transformar a vida dos palestinos numa miséria total? E porque não há uma campanha aberta da mídia para acabar com essa situação horrível ? Porque é muito mais fácil (e menos arriscado) combater a "normalização" e traduções ao hebraico do que dramatizar as condições inaceitáveis dos refugiados palestinos dentro do mundo árabe, ao qual sempre é dito que eles [palestinos] não podem ser "normalizados" porque isso seria implementar o plano de Israel. Que besteira!

Devemos voltar aos valores básicos e à honestidade da discussão. Não pode haver uma solução militar ao que nos aflige igualmente, árabes e judeus. Esta verdade nos deixa somente com o poder da mente e educação para fazer o serviço que os exércitos não conseguiram fazer durante mais de meio século. Se os intelectuais de Israel falharam ou não na sua missão não cabe a nós decidir. O que nos diz respeito é a condição precária do debate e análise no mundo árabe. Para isso, como cidadãos, devemos tomar a responsabilidade, e tentar, em primeiro lugar, nos livrar dos clichês ingênuos e fórmulas irrefletidas que entopem o nosso escrever e o nosso falar.

Referência:

Lista PAZ AGORA/BR -
<http://groups.yahoo.com/group/pazagorabr>

Para se inscrever na Lista PAZ AGORA/BR, mande uma mensagem para pazagorabr-subscribe@yahoogroups.com

Visite os AMIGOS BRASILEIROS DO PAZ AGORA em www.paz-adora.com e o Movimento Israelense PAZ AGORA (SHALOM ACHSHAV) em <http://www.peacenow.org.il/English.asp>.